

O Uso da Arqueologia Amazônica no Livro Didático de História.

Juliana Alves de Souza (autora)¹

Maria Clara Sales Carneiro Sampaio (orientadora)²

¹Faculdade de História / Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PA, Brasil

²Faculdade de História / Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá-PA, Brasil

Palavras-Chave: arqueologia amazônica, livro didático, povos indígenas.

1. INTRODUÇÃO

As contribuições dos muitos povos indígenas para a formação social e política do Brasil, parecem ainda se manter marginal aos temas de maior visibilidade na historiografia nacional, ainda bastante centrada em paradigmas eurocêntricos. Conquanto se tenha consciência da pré-existência de sociedades ameríndias nos períodos anteriores à INVASÃO europeia, ainda são raras as menções sobre o papel histórico dos índios quando nos remetemos a construção histórica dos territórios que vieram a compor o país. Sabemos que o nosso país é resultante da mistura de diversos povos, sendo um deles os povos indígenas, que habitavam a América bem antes da chegada dos europeus, mas a questão é que quando alguém indaga sobre quais povos foram os pioneiros no Brasil, automaticamente nos vem em mente os povos europeus, isto devido à historiografia eurocêntrica na qual é apresentada aos estudantes em nosso país.

Desta forma, este presente trabalho tem como objetivo debater questões relacionadas ao uso da arqueologia Amazônica nos livros didáticos de história, destacando sua importância para que as crianças e jovens possam ter mais acesso à história de alguns dos muitos povos indígenas que deixaram seus registros de diversas formas, materiais e imateriais. Registros esses que não se limitam apenas aqueles de escrita cursiva valorizados pela historiografia ocidental tradicional. Em geral, a imagem do indígena que temos atualmente ainda é baseada naquela interpretação europeia que cristalizou o indígena como selvagem e incapaz de dominar os códigos sociais, morais e religiosos considerados corretos. Um exemplo das diferenças destes códigos sociais e religiosos que ainda perduram na imagem atribuída aos indígenas é a questão da indumentária. As informações indumentárias que variam muito entre diferentes povos indígenas, foram objetos de estranhamento e desvalorização por parte dos ibéricos. (NEVES,1999). Podemos considerar também essa visão Ibérica, onde no trecho da carta de Pero Vaz de Caminha a seguir, é mostrado esse primeiro contato para com o indígena: *“Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel”*.

Nossa hipótese, nesse sentido, é que a maior exposição de docentes e discentes aos estudos podem melhorar a percepção acerca da enorme complexidade das muitas sociedades indígenas. Para além das permanências que alimentam ainda as concepções errôneas sobre a “falta” de informações indumentárias de populações indígenas amazônicas, outra questão que precisa ser melhor debatida nos livros didáticos é que uma parte expressiva das sociedades indígenas no território brasileiro é ágrafa. As tradições orais e as produções de cultura material, por si só, já deveriam atestar a complexidade dos índios amazônicos. Contudo, frequentemente, professores e estudantes não valorizam saberes não eurocêntricos, ainda que as tecnologias indígenas tenham sido fundamentais para domínio e a colonização das Américas. Por fim, o pouco espaço dedicado aos povos indígenas na maioria dos materiais

didáticos certamente contribuiu para que a imagem dos indígenas continue os distanciando geograficamente e também no tempo. Em outras palavras, os indígenas ainda são vistos majoritariamente como povos inferiores, mas que recorrer ao uso da arqueologia pode nos revelar o quanto esses povos eram complexos e dotados de significados atribuídos a questões sociais e religiosas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foram consultadas leituras relacionadas ao uso do livro didático no ensino fundamental, que debatem seu papel, com auxílio das interpretações de Bittencourt (2008) acerca do papel da história como instrumento de transmissão de valores culturais, e Cavalcanti(2016) para considerarmos o uso do livro didático pela comunidade docente, visando novas práticas a serem realizadas. Sobre a arqueologia, basearmo-nos na produção norte-americana de Maggers,(1985,1992) onde em seu livro sobre questões ambientais e sobrevivência indígena na região tropical, podemos ter acesso à grupos de homens extremamente complexos com capacidade de transformar a natureza e de se transformar para melhor viver e retirar desta todos os elementos possíveis. Quando falamos em adaptação não estamos nos limitando à questões evolutivas biológicas, e sim, dizer que os povos indígenas antes da chegada dos europeus eram homens muito inteligentes que desenvolveram técnicas de agricultura e domesticação de animais selvagens e entre outros muitos aspectos.

Recorreremos também à leituras mais contemporâneas acerca da arqueologia amazônica, baseando-se em Neves (2000) onde este faz considerações não tão ambientais como Maggers (1985,1992), pois Neves foca mais em aspectos sociais e religiosos, como por exemplo considerar que os povos indígenas eram também, homens religiosos capazes de representar por meio de pinturas em cerâmicas, aspectos culturais lotados de valores divinos, o que nos ajuda também a compreender um pouco sobre a questão indumentária dos indígenas, ou seja, seu modo de vestir como sendo um produto de códigos religiosos e sociais, não se limitando apenas a questões climáticas, mas levar em consideração a sua relação com a natureza como algo religioso e não só causal ambiental. Ainda sobre as vestimentas dos indígenas, foi utilizada a Carta de Pero Vaz de Caminha,1500 disponível na internet, para pensarmos um pouco sobre a primeira impressão que os ibéricos tiveram. Assim os livros didáticos analisados foram: A coleção da Editora Moderna “ESTUDAR HISTÓRIA DAS ORIGENS À ERA DIGITAL” e a Coleção da Editora Estudos Amazônicos: “ESTUDOS AMAZÔNICOS, AMAZÔNIA E FORMAÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para alcançar o problema da ausência do indígena nos livros didáticos de história no Brasil, devemos primeiramente analisar o grau de interesse em pesquisa-los, um exemplo disse é a SAB (Sociedade de Arqueologia Brasileira), este é um grupo recente de carácter científico e que se preocupa em estudar a arqueologia brasileira, sendo que em suas reuniões iniciais a maioria dos seus participantes não eram brasileiros, ou seja o público interessado em estudar a arqueologia amazônica brasileira é um público estrangeiro, mais precisamente norte americano, como é o caso do casal Evans. Mas o que deveremos dar ênfase no nosso olhar é o grau de importância dos grupos indígenas para a nossa formação histórica, com isso deveríamos ao menos ter conhecimento deles nos materiais didáticos que nos é oferecido pelo estado nas escolas, mais precisamente no ensino fundamental, pois é nessa fase em que os jovens estão formando suas concepções a cerca da nossa formação nacional, ou seja, uma questão indenitária, que se trabalhada nessa fase pode evitar aspectos como preconceito e/ou ódio ao índio.

Com isso, por meio da Carta de Pero Vaz de Caminha podemos perceber que de início o que mais chocou os Ibéricos foi a questão da vestimenta, que como já mencionada e com base em Neves era uma relação social e religiosa, onde ambos os lados não souberam interpretar os códigos de vestimenta, onde podemos considerar que o excesso de roupas por parte dos europeus era uma relação cristã e não apenas climática, como também a forma de vestir dos indígenas, onde o pouco uso de artefatos também era uma forma de manifestar seus signos sociais e religiosos. Mas, usamos a carta de Pero Vaz Caminha como uma fonte na qual podemos perceber que esse primeiro contato resultou em uma má interpretação dos povos indígenas, mas que para essa pesquisa nos interessa apenas mostrar que essa visão ou má interpretação para com os povos indígenas tem íntima relação com a ausência da arqueologia destes no livro didático, ou seja o pouco interesse pela pesquisa e exposição dos povos indígenas para os nossos estudantes brasileiros é resultado de uma má interpretação ibérica. Neves(1999)

Desta forma com base em Erinaldo Cavalcanti, o professor pode recorrer ao uso da arqueologia disponível na internet, onde os docentes poderão levar imagens de objetos indígenas e poderiam propor aos alunos que catalogassem os objetos identificados nas imagens, e em seguida os alunos poderiam colocar segundo suas concepções qual a função daquele objeto, e se ele conhece um outro objeto de origem não indígena que tenha a mesma função. Com a proposta dessa atividade os alunos serão os próprios arqueólogos, onde por meio de seus conhecimentos, irão catalogar e identificar os objetos, com isso eles poderão ter mais acesso aos povos indígenas e as suas produções, proporcionando maiores discussões em sala de aula a respeito do conhecimento indígena.

Sobre os livros didáticos utilizados, quando se fala do índio relacionado ao contado com os povos ibéricos, a maioria das fontes citadas e expostas nos livros são mais precisamente documentos religiosos, como cartas, documentos eclesiais e algumas pinturas onde em sua maioria mostram esses povos dando ênfase na sua indumentária como sendo o objeto de maior estranheza por parte dos povos ibéricos. Já na coleção de Estudos Amazônicos esta não trabalha o indígena pré contato com os ibéricos, pois na verdade esse livro mostra mais as relações de domínio por parte da exploração dos indígenas para questões econômicas e também domínio territorial, destacando a grande participação das ordens religiosas nesse plano de conquista.

4. CONCLUSÃO

Com base neste trabalho, acerca do uso da arqueologia Amazônica no livro didático de história, podemos dizer que o pequeno interesse ou talvez o pouco incentivo à pesquisa arqueológica é o principal motivo, no qual os livros didáticos não abordam muitos assuntos pertinentes à importância dos povos indígenas em nosso país. Sabemos que poucas fontes escritas mencionam os povos indígenas amazônicos, sendo estes em sua maioria cartas, ou relatórios das organizações religiosas que de início vieram para “amansar” os indígenas do país, estes de maneira clássica descreviam os indígenas como homens selvagens, e ou sem alma, outrora eram mencionados pelos colonos quando escravizados para trabalhar e gerar lucros, onde muitas vezes eram dizimados por não cultuarem dos mesmos gostos e valores dos povos colonizadores.

Assim, o uso da arqueologia Amazônica pode ser um elemento primordial para que os estudantes possam ter acesso aos povos indígenas que formaram o nosso país, ou seja quebrar por meio desta, os paradigmas que por muito tempo vem perpetuando nos livros didáticos, onde os alunos muitas vezes podem pensar que os indígenas eram realmente inferiores, e isso deve ser evitado visto que eram povos muito complexos como é mostrado tanto por Betty Maggers quanto por Eduardo Neves. Diante de toda essa discussão podemos acertar que seria

querer muito de um país que não incentiva a pesquisa arqueológica amazônica, que contemplasse o livro didático com fontes arqueológicas, para trabalhar a importância dos indígenas amazônicos na formação de nosso país, mas cabe, ao professor de história recorrer à arqueologia para proporcionar aos alunos que possam ter acesso aos povos indígenas do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BEMERGUY, Amélia; GUEDES, Luana Bagarrão; PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva, **Estudos Amazônicos: História e Geografia** – Vol 3 / Coordenação Mauro Cezar Coelho e Márcia Aparecida da Silva Pimentel--- 1 ed.---Belém: Estudos Amazônicos, 2012. 152p. --- (Coleção Paradidáticos 6º ao 9º ano).
- BRAICK, Patrícia Ramos, **Estudar história : das origens do homem à era digital/** Patrícia Ramos Braick. – 1. Ed. – São Paulo : Moderna, 2011.
- CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. Livro didático: produção, possibilidades e desafios para o ensino de História. **REVISTA HISTÓRIA HOJE**, v. 5, nº 9, p. 262-284 – 2016. Disponível em :<<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/issue/view/9>>. Acesso em 20 de Dezembro de 2017.
- CORTESÃO, J. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Lisboa Portugalia, 1967, 221 p.. Disponível em: <<http://nonio.eses.pt/brasil/>>. Acesso em 20 de Dezembro de 2017.
- MEGGERS, Betty, J. **Amazônia: A Ilusão De Um Paraíso**: tradução de Maria Yedda Linhares, apresentação de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.
- NEVES, Eduardo Góes. O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica. **REVISTA USP**. n.44, p. 86-111, dezembro/fevereiro 1999-2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/issue/view/1896/showtoc>> Acesso em :20 de Dezembro de 2017.